

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Possibilities*

Autor: *Kauī Hart Hemmings*

Copyright © Kauī Hart Hemmings, 2014

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Maria do Carmo Figueira*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, abril, 2015

Depósito legal n.º 389 343/15

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PARTE UM

CAPÍTULO 1

Faço de conta que não sou daqui. Sou uma mulher do Idaho, de férias com uns amigos. Sou uma recém-casada de Indiana. Uma hóspede banal do Village Hotel, que anda a explorar Breckenridge, no Colorado, à espera de que o trintanário lhe traga o carro alugado. Cai-me uma gota de água na cabeça. Olho para cima, para o toldo verde, e dou uns passos para me abrigar. Um *Escalade* preto com a música aos berros entra na rotunda. O carro é enorme e, por isso, espero ver aparecer alguém igualmente grande, mas, afinal, saem de lá três rapazes — o condutor, baixo, os passageiros, altos — e o trintanário, também jovem, aceita as chaves do carro sem dizer nada, dá um talão ao condutor e acena com a cabeça.

O meu filho, Cully, que ainda há três meses trabalhava aqui como trintanário, disse-me que o que mais detestava era arrumar carros de gente da sua idade, e percebo porquê. Quando era nova, sentia a mesma coisa, uma certa vergonha por trabalhar perante amigos e colegas. O pior emprego que tive foi a ajustar as botas de esqui a reparigas que vinham para aqui nas férias da primavera de sítios como a Florida e o Texas. Estavam sempre a dizer «Está a doer», e eu dizia sempre que a ideia era essa, apertando ainda mais as botas.

Também fui criada de mesa no Briar Rose, onde os miúdos da escola iam com os pais, e faziam os pedidos, que eu anotava como se não nos conhecêssemos. Lembro-me da Leslie Day a chupar as patas de uma lagosta e de pensar: *Só os ricos é que conseguem fazer aquilo ou sabem fazer aquilo*. Nós não éramos pobres, nem pouco

mais ou menos, mas em comparação com muitos recém-chegados, cujos pais vinham para a cidade, reformados aos quarenta anos, às vezes dava essa sensação.

As fardas dos trintanários são umas calças compridas largas pretas e um blusão preto, e o Cully tinha vergonha de a usar. Alguns deles andam com bolsas pretas à cintura para as moedas. O Cully preferia perder dinheiro. Imagino-o a correr para abrir a porta de um carro, a aceitar gorjetas, sem ver quanto lhe tinham dado até as pessoas se irem embora, a fingir que não lhe interessava.

Olho para aqueles rapazes, todos mais ou menos da idade do meu filho, rapazes com mães e pais, esperanças e problemas, e sinto um impulso constrangedor de ir ter com eles e de os abraçar. Agarrá-los e levá-los ao colo, uma coisa que o Cully, em criança, estava sempre a pedir-me que fizesse e que muitas vezes me aborrecia. *Já és crescido. Podes muito bem andar.* Às vezes, era um peso tão difícil de carregar, sobretudo quando nasceu, e eu ainda só tinha vinte e um anos. Parecia que era um trabalho da escola, um ovo que eu tinha de transportar, sem nunca o pousar nem partir.

Devia pôr-me a caminho. Ainda tenho dez minutos, mas depois preciso de ir trabalhar. Passei esta semana a fazer pré-entrevistas, e hoje vai ser o meu primeiro dia de novo à frente das câmaras após uma ausência de três meses. Não me mexo. Olho para um dos trintanários — o alto, de cabelo preto, liso como um capacete; olho para ele como se fosse uma espécie de deus. *Por favor, dá-me força. Força para regressar, para voltar a viver.* O meu plano é entrar de mansinho, tentando não chamar a atenção de ninguém. Vou reaparecer com um boné que é uma metáfora, parecido com o que o meu filho de vinte e dois anos usava, com os que os jovens usam — um boné que lhes esconde os olhos, a cara, um boné que significa: «Estou aqui, mas não estou aqui.»

O Cully morreu. Foi por isso que deixei de trabalhar. Uma boa razão, embora não tenha nenhuma boa razão para voltar, para sair da hibernação. Acho que sinto que cheguei àquele limiar inefável que, aos olhos da sociedade, sugere que chegou a hora de calçar as botas e apertar os atacadores. Acho que está na altura

de começar a trabalhar para chegar a outro lado qualquer, a uma outra periferia ou ponto de vista. Não preciso de subir, mas talvez de andar para o lado.

O trintanário vê-me a olhar para ele, e eu olho para o meu relógio. Agora ando de relógio e já deixei de ver as horas no telemóvel. O Cully ofereceu-me o relógio no Natal, quando ainda andava no liceu, e, há uns tempos, encontrei-o na minha caixa das joias e agarrei aquela coisa minúscula dourada como se tivesse andado toda a vida à procura dela. Ele deve ter demorado algum tempo a escolhê-lo, pensando provavelmente que estava na moda. Trago no pulso a ideia dele a comprá-lo, a ideia que ele tinha de mim, quando era mais novo. Trago no pulso a expressão dele quando abri a caixa, como se ele me tivesse dado uma parte dele.

Mais seis minutos. Torno a olhar para o trintanário. Parecia mais bonito ao longe. Visto de perto, tem uma pele com muitos poros, o nariz a pingar e umas coisas que parecem caspa nas sobrancelhas. Portanto, é assim. Uma vida pode desaparecer, uma pessoa pode continuar a andar, um nariz pode continuar a pingar. Tenho vergonha do tempo que passei zangada com ele. As batalhas quando ele ainda se sentava na cadeirinha — «Come com a colher, não é com os dedos, Cully! Come com a colher.» O que é que interessa se ele comia com os dedos? A quem é que isso interessava? Mas esses erros fazem-me sorrir. Interessava-me a *mim*.

Surge outro carro, e um rapaz corre para o lugar do condutor. Este é magro, de estatura média, mas com um ar forte. Abre a porta a um homem da minha idade com uma camisola de gola alta branca, justa, que brilha com a luz. As pessoas saem dos carros de uma maneira diferente quando há alguém a abrir-lhes a porta. O homem sai do carro, protegendo os olhos do sol, apesar de estar de óculos escuros com umas lentes que parecem de mercúrio, como se estivesse a proteger-se dos *paparazzi*. Pergunta ao rapaz se sabe guiar aquele carro, um *Porsche* vermelho.

O rapaz olha de relance para dentro do carro.

— Sei, sim — afirma. — Estou habituado a carros com mudanças automáticas.

Faço um sorriso de desdém. O homem parece duvidoso, hesitante em ir-se embora. Quando finalmente se dirige para a entrada do *lobby*, a apalpar o bolso à procura das chaves que deixou na ignição, o rapaz faz de conta que está a dar-lhe um pontapé no rabo. Depois vê-me. Sorrio, entrando na brincadeira. Aposto que o Cully teria feito o mesmo. Ele seria como este rapaz. Este é o melhor trintanário.

Olha para mim, sorri. Eu sorrio para ele, tentando dar-lhe a entender que ouvi o que ele disse àquele homem. Percebi. Conheço-te. Sou um tipo de adulto diferente. Tinha um filho igual a ti.

— Tem o talão? — pergunta-me, no mesmo tom frio, depreciativo que utilizou com o homem. Apalpo os bolsos. — Acho... acho que vou a pé.

Começo a andar muito depressa, como se tivesse sido apanhada a fazer uma maldade. Olho para trás, para ele, com medo de que esteja a fazer de conta que está a dar-me um pontapé no rabo, mas está a abrir a porta a uma mulher. Uma hóspede como deve ser. É perfeita, aquela mulher. Linda, com pose, bem arranjada. Às vezes, ver outra mulher com as unhas pintadas é suficiente para que nos sintamos umas falhadas. Às vezes, a falta de reconhecimento — o trintanário devia ter-me visto, ter-me compreendido — é suficiente para nos partir o coração.

A mulher não olha para ele quando sai do carro branco e endireita o seu casaco comprido verde-claro. Apetece-me dizer-lhe: «Eu teria olhado para ti.»

CAPÍTULO 2

Ajeito-me na cadeira desconfortável e pouco firme que está situada num ligeiro declive entre as bilheteiras e o elevador do Pico 9. Começam a juntar-se nuvens escuras vindas de lados opostos do céu. Vejo-as rastejarem lentamente e o céu abotoar-se dentro de um velho casaco cinzento. Tudo ficou com uma tonalidade diferente, como seria de esperar. Para que serve a mudança se nada mudar?

— E agora, o que é que havemos de fazer? — pergunta Katie. É a minha copivô, ou eu sou a dela. Katie Starkweather, em tempos a menina da meteorologia no noticiário das seis da KRON 5. É efusiva, fala alto e consegue ser socialmente agressiva como uma cabeleireira, mas é organizada e diligente. O nosso câmara, Mike, não acredita que Starkweather seja o seu verdadeiro apelido. Acha que ela o inventou quando andava a tirar o curso. Somos as apresentadoras de *Fresh Tracks*, um programa gravado em quartos de hotel. Dizemos o que as pessoas devem comer, o que comprar, quais os programas de aventuras à disposição e o que não se pode perder aqui em Breckenridge.

— Como assim? — Olho para ela e depois suavizo a minha expressão. Parece que ainda sou apanhada de surpresa quando alguém fala comigo. Acho que nunca estou à espera de que as pessoas se dirijam a mim, como se eu fosse uma ser estranho ou uma diva.

— Como é que vamos preencher o tempo? — pergunta Katie.

— Da mesma maneira de sempre, acho eu. Como das outras vezes.

Está uma linda manhã. Façam compras. É o que dizemos sempre. Katie não parece satisfeita. Lembro-me de ela estar sempre nervosa

antes de começarmos, apesar de o programa não ser em direto. Acho que me acontecia o mesmo a mim. Tinha aquela sensação de importância, como se o que estávamos a fazer interessasse para alguma coisa.

— Não temos praticamente nada — diz Katie. — Não sei como é que vamos fazer o programa.

Descruzo as pernas, aperto o botão de cima do casaco, com o sol, ora quente, ora frio, a fazer com que me adapte constantemente.

— A maior pepita de ouro jamais encontrada na América do Norte foi descoberta aqui — digo-lhe eu. — No dia três de julho de 1887, por um homem chamado Tom Groves. Pesava mais de quatro quilos. Chamavam-lhe a «Bebé do Tom», porque ele a levava para todo o lado, como se fosse um bebé. Era mais ou menos do tamanho de um bebé de seis meses. — Olho para Katie.

— Podíamos dizer isso.

— Adoras essas curiosidades — diz Katie.

— Pois é! Não sei porquê.

Ela fica ligeiramente mais descontraída.

— Mas a sério — acrescento. — Não me importo se ficarmos sem assunto. Os turistas também adoram essas coisas. E eu também: de falar sobre os mitos e factos da cidade. De coisas que aconteceram no passado e que fazem com que o presente seja aquilo que é. Faz-me lembrar — e aos que a visitam — as vidas que houve aqui antes de nós e as vidas dos que cá moram. Vivi aqui toda a vida, menos os três anos e seis meses que passei em Denver, na universidade. O meu pai viveu aqui a maior parte da vida. As nossas raízes remontam a 1860, quando o bisavô dele veio trabalhar numa mina hidráulica responsável pela destruição das montanhas e do abastecimento de água. No mesmo ano em que supostamente o local foi batizado com o nome do vice-presidente do país, na esperança de garantir uma estação de correios. Breckinridge. O *i* mudou para *e* quando conseguiram o posto dos correios e chegaram à conclusão de que o vice-presidente era um idiota.

Olho à minha volta e vejo o presente: os condomínios semeados como ramos de flores, o som do concerto de Spring Fling. Apesar do desenvolvimento da cidade e das coisas que lhe foram sendo adicionadas — uma pista de esqui, Shock Mountain, restaurantes

mais modernações com nomes só de uma palavra — continua a ser a minha terra natal de sempre. No entanto, sinto-me como um destes turistas que andam a trote a visitar um sítio que é de todos e não é de ninguém, uma tela em branco na qual não vou deixar qualquer marca. Tenho a sensação de que estou de passagem.

— As vantagens — balbucia Katie, com a perna direita a tremer. Apetece-me fazê-la parar com a minha mão. Tem estado embrenhada no estudo das notas que Holly preparou para nós. — Segurança. Então, vamos seguir esta lista? O valor e as vantagens?

Katie tem uma camisola amarela justa. Está muito bem arranjada, e apesar de achar que também eu o estava quando saí de casa, sinto-me um horror ao pé dela. O meu cabelo louro escuro está sempre desgrenhado. Katie tem um cabelo bom para a televisão — é louro claro e abraça-lhe o rosto como uma pele. Os lábios eram finos, mas, enquanto eu estive fora, isso mudou. Agora foram artificialmente engrossados, dando a sensação de que ela está sempre a beber um batido espesso por uma palhinha muito fina. É cerca de cinco anos mais nova que eu, mas parece ainda mais nova porque não tem filhos. Vai no quarto namorado num ano, um contabilista que está sempre a apregoar coisas estranhas sobre si próprio, como, por exemplo, «Nunca digo palavrões» e «O queijo fresco faz-me urticária».

— Queres dar-lhe uma vista de olhos? — pergunta-me Katie, segurando os apontamentos.

— Estou pronta.

Ela abstém-se de qualquer reação facial ou verbal. A morte é um xequemate. A morte é embaraçosa. Apetece-me dizer-lhe para não permitir que eu vença assim. Mike faz-nos o teste de imagem, o que parece deixá-lo sempre desconfortável. Tem de olhar para nós, mas prefere fazê-lo sempre através da lente objetiva.

— Presumo que tenhas muitas imagens de arquivo — diz-lhe Katie. — Não temos aqui muito material com que trabalhar.

— Eu trato disso. — Suspira, como se arranjar imagens alternativas fosse uma tarefa da qual dependesse o futuro da humanidade. Gostava de Mike, mas ele demorou uns doze anos a gostar de mim, por isso, anulei esse sentimento. Tem aquele feitio irascível e ciumento de homem baixo e um humor vulgar e escatológico.

Katie continua com aquele brilho nervoso no olhar, como se estivéssemos prestes a entrevistar um terrorista.

— Vai correr tudo bem — asseguro-lhe.

— Ah, eu sei, mas... — Deixa a frase incompleta, volta a estudar as notas e a tremer a perna, desta vez a esquerda.

Noutros tempos, eu estaria muito nervosa se a pessoa que íamos entrevistar decidisse não aparecer. Percebo o nervosismo, e até talvez me ataque quando começarmos, mas, se falharmos, se não resultar, deitamos isso para trás das costas e fica tudo bem. Podemos repetir tudo, temos mais uma hipótese. Essa ideia deixa-me triste. Sei que é essencial para qualquer trabalho que seja consequente, mas acreditar no peso ou na importância do meu trabalho — isso nem pensar.

Ontem, um homem chamado Gary Duran espancou a mulher grávida na casa deles em Dillon. Ela fugiu para Denver com o filho que tem na barriga, num helicóptero, da organização Flight for Life. Toda a gente está à espera de saber se ela e o bebé se salvam, mas nós não damos notícias dessas. Se calhar, se déssemos, até era bom. Se calhar, se déssemos notícias sobre a falta de casas com uma renda acessível para as pessoas que trabalham aqui e são obrigadas a morar noutro sítio, talvez eu conseguisse arranjar alguma motivação, ou se nos centrássemos em tragédias que me tornaram mais consciente do mundo que existe para lá deste recanto. Mas, em vez disso, falamos de bilhetes para os elevadores, damos algumas dicas da imobiliária Keepin' It e de como esquiar bem com Steve-o.

Mike põe a câmara ao ombro, como se fosse um soldado de partida para a guerra. Filma a bilheteira do elevador, a vertente principal da montanha, as pistas brancas muito bem arrançadas, como pregas numa saia. Olho para os instrutores de esqui com os seus blusões vermelhos e para as crianças agarradas a eles com toda a força; as cadeiras elevatórias que atravessam as montanhas como veias, os grupos de esquiadores a subirem e a descerem — tudo a funcionar com a fiabilidade de um coração. Vai correr tudo bem.

A nossa produtora, Holly Bell, aproxima-se de nós com uma brochura que trouxe da bilheteira.

— Isto dá uma imagem boa — diz, cuidadosamente. Já reparei que toda a gente fala comigo como se eu fosse surda ou um bocado lerda. — Tem o preço novo impresso.

Agradeço e pego na brochura.

— Podes mostrá-la a certa altura — diz Holly. — E levanta-te. Anda de um lado para outro. Mantém um espírito positivo. Há tantas vantagens... — Vai-se embora; está sempre em movimento. Mike acha que ela também inventou o nome e, neste caso, concordo com ele. Ela participou num concurso de misses e depois começou a apresentar um programa como este em Sacramento. Continua a vestir-se como se fosse a apresentadora, como se fosse uma estagiária à espera de que eu ou Katie desmaiássemos de repente. Enquanto estive fora, Katie apresentou o programa sozinha, e isso deixa-me ligeiramente nervosa, até com ciúmes. Saiu-se bem no trabalho, o que faz com que me sinta um bocadinho como uma espécie de ornamento.

Bato com as mãos nas pernas. Demoramos tanto tempo a fazer tão pouco. Apetece-me ir para casa ter com a Suzanne, que combinou ajudar-me a tratar do quarto do Cully. Penso nas roupas, nas caixas, nas coisas importantes da vida que tenho de organizar. Deu-me de repente — esta necessidade de limpar. Acho que o meu pai quer ficar com o andar de baixo para ele, e a nossa saída neste fim de semana parece estar a funcionar como um prazo. Eu, o meu pai e a Suzanne vamos à antiga universidade do Cully, onde vão fazer-lhe uma espécie de homenagem no Broadmoor Hotel. Foi Morgan, a filha de Suzanne, que a organizou, e nem sei bem qual é o programa. Ela anda na CC (foi para lá influenciada por ele) e está a tentar encarregar-se do legado do Cully. A Morgan e o Cully cresceram juntos, e a Morgan criou sempre uma espécie de mito em torno da amizade deles, que se tornou ainda mais ilusória agora que ele morreu. É verdade que eram grandes amigos, principalmente antes do liceu, mas ela gostava mais dele do que ele dela. A ideia de lhe fazerem uma homenagem é bonita, mas, conhecendo a Morgan como conheço, não consigo deixar de pensar que tem mais a ver com a necessidade de ela o reclamar para si.

Eu não devia ser cínica e, na verdade, até estou ansiosa por ir. Não pelo evento em si mesmo, mas pela forma como ele assinala

o tempo. Vai ser a primeira vez que saio da cidade desde que ele morreu. Se calhar, sair vai ajudar-me a tornar a entrar. Não sei. Logo vejo, quando for.

Katie está agora a tamborilar no peito. Imito o gesto dela, para ver qual o efeito e se resulta.

— Estás bem? — pergunto-lhe. Acredito que as emoções se manifestam fisicamente. Pouso por um momento a mão na perna dela. — Tu és boa nisto. Sais-te sempre bem.

— Seria mais fácil se ele respondesse a algumas perguntas — diz Katie. — Isto é tão em cima da hora. *Conbece-lo*, ao menos?

— Sim, conheço-o — respondo, desapontada por ela ter ignorado o meu elogio. — Conheço-o o suficiente para saber que, se diz que não vem, não vem mesmo.

O nosso entrevistado, Dickie Fowler, é o presidente da Breckenridge Resorts e é também meu amigo. A Suzanne é a mulher dele. Estão a divorciar-se. Por decisão dele. Já reparei que nos divórcios, quando se distribuem os amigos, as mulheres ficam com as mulheres — é assim que costuma ser, embora, honestamente, me dê muito bem com o Dickie. Rimo-nos, dizemos muitas piadas, mas também conseguimos estar juntos em silêncio. A ideia era ele vir ao programa explicar o aumento no preço dos bilhetes do elevador, mas decidiu que seria melhor não estar presente. É esperto. Sabe que, às vezes, a impressão que ele dá e o seu aspeto — tem uma expressão falsamente tímida, como os homens que aparecem nos anúncios depois de tratarem a disfunção erétil — podem torná-lo pouco simpático. Reparei que as pessoas são mais respeitadas quando falam menos, e não é frequente ele falar em público.

— Não queres experimentar telefonar-lhe? — pergunta Katie.

Tem um casaco e uns dentes tão brancos. O sol está a ser refletido pela neve, o que torna a sua roupa e os seus dentes ainda mais brancos. Penso para mim: *Até me dói olhar para ti*.

— Passamos bem sem ele — respondo. — Não acredito que as pessoas estejam à espera de grandes análises no nosso programa.

Consigno dar uma gargalhada para suavizar as coisas, mas a gargalhada sai um bocado agreste.

Lisa, a assistente de Mike (que é apaixonada por maquiagem), aproxima-se de Katie com o pincel do *blush* na mão e com a sua bolsa cheia de produtos de beleza.

— Sete dólares — diz Katie, de olhos fechados, a ensaiar. Lisa vai deslocando o pincel em círculos sobre o rosto de Katie. — Passaram de noventa e oito para cento e cinco...

— Meu Deus, isso é muito — exclamo. — E ainda por cima não há neve.

— Não gozes — diz Lisa.

— Não é uma diferença muito grande, considerando o preço — continua Katie a recitar. — Por exemplo...

Somos meio vendedoras, meio animadoras de cruzeiros. Temos de «arrancar uma gargalhada» às pessoas desencantadas, temos de «aquecer as coisas», se não se venderem a frio. Temos de vender a ideia de liberdade — de luxo ao ar livre, o apogeu da liberdade. Saiam de casa! Sejam extremamente livres! Torna o meu trabalho bastante parecido com o antigo emprego do meu pai.

O meu pai, Lyle, era vice-presidente da área operacional. Depois de Breckenridge ter sido comprada pela Vail em 1997, o meu pai ajudou a estância a alargar a sua área de influência — a bombas de gasolina, imóveis, restaurantes, hotéis, comércio, este programa — para que os lucros subissem pelos dedos e viessem parar à palma da mão. Penso no meu pai, com setenta e três anos, agora a viver em minha casa, muito provavelmente a trabalhar em coisas que já não lhe despertam qualquer interesse. Levar para a pastagem o cavalo que já não está interessado em comer a erva.

— As vantagens — diz Katie mais uma vez, agora para mim e não para ela própria. — Vamos mostrar-lhes que pagam mais, mas têm uma experiência melhor e até uma vida melhor.

— Que grande equação — exclamo.

Vejo nitidamente que não tem a certeza se eu estou a ser sarcástica ou sincera, e isso deve ser difícil para ela. No trabalho, sempre fui do tipo feliz, porém, esta semana, durante as pré-entrevistas, veio ao de cima um lado cáustico que teima em infiltrar-se na minha vida profissional. Fui sempre impertinente, difícil e má e estive sempre triste. Se me aparecesse à frente alguém como eu,

teria pena dessa pessoa. Depois sentir-me-ia farta dessa pessoa e da sua história tão, tão triste. Todos os dias, tento agir melhor, ser mais simpática, e todos os dias falho.

Depois de Katie estar pronta, Lisa aproxima-se de mim, como se eu fosse um cavalo, empunhando o pincel do *blush* para me avisar de que vai tocar em mim. Adoro que ela me maquilha. Gosto que me toquem sem me tocarem.

— Estás diferente — diz Lisa, enquanto passa o pincel frio na minha cara.

— Não devia estar. Foi isso o combinado.

— O que é que estás a fazer? Nem sequer pintaste os olhos.

— Estou a simplificar.

Dou uma gargalhada, mas tenho a sensação de que ela não me ouviu. É mesmo igual às cabeleireiras e às maquilhadoras de verdade, que parecem nunca ouvir as respostas às perguntas que fazem — ou talvez não reajam a respostas que não são sinceras. Mas a minha foi sincera. Nos últimos meses, o meu regime de beleza resume-se assim:

Não uso base nem o revirador de pestanas, e não ponho batom.

Nem *Moon-Beam*, nem *Sun-Beam*, nem emulsionantes, nem esfoliantes, nem um soro de cem dólares para me fazer brilhar ou cintilar. Só agora me apercebo de que tenho comprado o que vem em embalagens ou tem anúncios que me agradam. É tudo a mesma coisa, mas, num mês, o *blush* é o *Beach Babe Bronzer* e, no mês seguinte, é o *Angel in the Sun*.

Não ponho autobronzeador porque me faz comichão nas pernas.

Não tomo duche nem me depilo tantas vezes como dantes. Os meus pelos púbicos parecem um *gremlin*, e é assim que vão continuar.

Faço listas mentais para poder

verificar

verificar

verificar tudo.

— Emagreci. — O pincel desliza na minha testa e depois no maxilar. *Alisa-me as sobrancelhas*, penso. Adoro quando ela faz isso. Senti a falta disso durante a minha ausência.

— Estás ótima — diz Lisa. Tem o rosto tão perto do meu que sinto o cheiro da sua pastilha elástica de melancia. Pousa

os dedos nas minhas têmporas e observa a maquilhagem. Põe os polegares por cima das minhas sobrancelhas e pressiona-as ao longo de todo o arco. Descontraio os ombros. É a melhor parte do meu dia.

— Muito bem, vamos a isto — diz Holly, e bate as palmas. Faço um sorriso. Tudo me parece tão idiota.

Mike põe a câmara ao ombro.

Katie expira e depois senta-se mais direita.

Eu estou pronta. Pronta para esta coisa, este trabalho. Vou esforçar-me mais, porque não sou só eu que estou em causa.

— OK, batam palmas — diz Mike.

Eu e Katie batemos palmas.

— E estamos a filmar — anuncia Mike.

— Que bela manhã! — digo para a câmara. — Absolutamente maravilhosa. — E pronto. Aconteceu. Ainda consigo reconhecer isto. Ainda consigo adorar estar tão perto do sol e do cume das montanhas, ainda amo a vida a esta altitude — faz-me sentir a importância de cada vez que respiro.

— É verdade — continua a Katie. — Fantástica, e todos os elevadores estão a funcionar. Estou desejosa que chegue o nevão que anunciaram para esta noite!

Tento sorrir, e lá acabo por conseguir fazê-lo. Lábios para cima e para baixo. Uma espécie de sorriso. É mais exercitar os músculos.

— Faz com que tudo valha a pena — diz Katie. — Mesmo para quem não faz esqui, a neve transmite uma sensação quente e acolhedora. Dá-me vontade de sair de casa e ir fazer compras! Mas tu és uma grande esquiadora, não és, Sarah?

— Tento esqui — respondo —, mas há uns tempos que não esquio.

— Soube agora mesmo pelo diretor de operações da Breckenridge Resorts, Richard Fowler, que o preço dos bilhetes dos elevadores aumentou sete dólares. — Katie faz uma expressão pesarosa. Depois encolhe os ombros. Quando os programas vão para o ar, dá sempre a sensação de que ela está a fazer um jogo de charadas. — Mas acho que não é assim tão mau — continua.

— A nova cabina vai mesmo até ao cimo. Tem capacidade para oito passageiros, e até ouvi dizer que, no futuro, irá ter aquecimento e wi-fi. E a vista de Cucumber Gulch é deslumbrante.

Olha para mim.

— Verdadeiramente deslumbrante — digo.

— E, quando estamos lá no alto, os elevadores também são fantásticos. Os assentos são tão confortáveis que era capaz de dormir lá. Bancos almofadados, proteção em fibra de vidro, montes de espaço, e seguros; sei que têm um sistema de travagem automática e um dispositivo que assinala o excesso de carga. Não me importava de passar o dia a andar neles para cima e para baixo! O que os elevadores têm de melhor é que agora chegam a sítios como o Vista Haus, onde se pode beber uma cerveja, um copo de vinho, comer sopa de cebola ou um dos seus famosos *burritos* gigantes. Acho que vale bem aquilo que se paga! E paga-se bem!

Não consigo falar. Como é que eu consegui falar? Foi um milagre. Foi a preparação.

— E que mais? — pergunta Katie. Faz a sua expressão pensativa. — Os borrachos da patrulha de esqui. — Ri-se e depois olha para mim, para que eu continue.

Pois, os borrachos da patrulha de esqui.

O centro de cuidados intensivos de nível três onde se acorda do traumatismo causado por um pinheiro-de-Norfolk, a dizer: «Eh, pá, onde é que fica o baço?»

O equipamento de controlo de avalanches.

A equipa de salvamento que irá encontrar o vosso filho congelado, com os dedos a agarrar o casaco, com um corpo que parece um artefacto antigo já numa redoma de vidro, já cheio de conservantes. Como é que é possível que o vosso filho, o vosso menino, o vosso amigo, estivesse aqui em dezembro e agora já não esteja?

— Temos as pistas de saltos — digo, vencendo rapidamente uma emoção que parece uma injeção de medo. — É caro, mas vale a pena, porque, depois de bebermos uma cerveja, não há nada como a pista de saltos. — Expiro.

Katie dá uma gargalhada e abana a cabeça.

— Isso é o máximo!

— E vamos repetir — diz Holly. — Sarah, talvez fosse bom fazeres uns comentários sobre o progresso, a evolução deste sítio. É verdade que os bilhetes são caros, mas há mais elevadores, mais terrenos, vale bem aquilo que se paga.

— Eu sei — digo. — Desculpa. Ainda estou a apanhar-lhe o jeito.

Digo qualquer coisa sobre os progressos, mas não sai bem. Digo que antigamente tudo isto eram pastagens e terrenos agrícolas, com muito gado ovino. Tenho de corrigir a Katie quando ela pergunta:

— Bovino?

— Não. Não é bovino, é ovino, de ovelha. Mééé. — Faço mesmo um balido. — Desculpem.

Temos de repetir, mas é tão fácil. Recomeçamos, não há problema.

Digo qualquer coisa sobre mudança e adaptação. Demasiado vago.

Digo: «Vale a pena aquilo que se paga.»

Digo qualquer coisa sobre *burritos*. Não foi mau de todo.

— Oh, meu Deus! — exclama Kate. Com a sua expressão pós-riso. — OK. Vamos continuar com a Twisted Pine, a nossa loja de peles de primeira qualidade. Uma loja de peles amiga dos animais, devo acrescentar.

A frase é tão ridícula. Olho à minha volta. A sério? Vamos deixar isto passar? Não consigo conter-me.

— Pois é. A Twisted só vende peles de animais que andam em liberdade. Não há nenhum ali que tenha roído a própria pata para fugir.

Sorrio para a câmara e depois olho por acaso para Holly, que está a olhar para mim de olhos esbugalhados, horrorizada, como se eu fosse um animal em cativeiro com as patas cortadas. Pois, o intercâmbio é assim. Em troca de uma piada ridícula, em troca de ser completamente apanhada por uma piada sem graça nenhuma, concedo-me um pouco de liberdade. Mas não quero este intercâmbio. Apesar de ter alguma liberdade, apesar de achar que tenho direito a estragar tudo, não estou a divertir-me. Não estou a gostar da forma como ando a castigar as pessoas. É revoltante.

Holly olha para nós as duas, à espera.

— Desculpem — digo. — Isto foi... — Sinto um calor no peito, não de pânico, mas uma espécie de satisfação e confusão. Mesmo não gostando do que sinto, continuo a senti-lo.

Holly faz-me sinal, e eu tiro o microfone e vou ter com ela atrás das câmaras. Traz uma camisola castanha, que parece um cafetã, e umas calças de cabedal pretas. Tem umas argolas de ouro, com pedras azuis, como se fossem olhos pequeninos. Vê-se que não quer parecer uma produtora. Tem o cabelo apanhado num rabo-de-cavalo perfeito. Estou cheia de comichão na cabeça por causa do sol.

— Querida — diz ela —, se quiseres, a Katie faz isto. Hoje é um dia fácil. Basta uma de vocês. E, se for preciso, posso sempre dar uma ajuda.

— Estou bem — respondo. — Já estou aqui.

Holly espeta uma anca. Olho para a anca. Ela parece uma assistente pessoal. Quase me rio quando a imagino a falar.

— Acho que estás um bocado distraída — diz Holly. — Quer dizer, estás a ser ótima, ótima. Mesmo ótima! Só estou a dizer que toda a gente compreende se precisares de fazer uma pausa. Uma pausa mais longa. Ou se quiseres voltar ao trabalho, com mais calma. Fazer sobretudo trabalhos de preparação, pré-entrevistas, montagem... Tudo isto deve ser tão difícil para ti. Não sei o que faria... onde estaria se...

Espero enquanto ela imagina os filhos mortos. Sabina, Gunner e Lola: *kaput*. Os seus olhos enchem-se de lágrimas, e ela abana a cabeça para afastar os piores e mais inconcebíveis cenários que imaginou. Tem as mãos à frente, numa posição estranha, como se estivesse a agarrar um morcego invisível. Tusso para a dobra do cotovelo.

— Estás a ficar doente? — pergunta-me.

— Não. Só precisei de tossir. Era uma bola de pelo — digo no gozo, mas, pela expressão dela, não saiu bem. — Estou bem. Gosto de estar aqui.

Preciso de empatia. Preciso de controlar qualquer coisa. Quero pisar um terreno novo.

— Está bem — diz Holly.

Volto para lá, e o Mike dá-me o microfone. Observa-me para ter a certeza de que o ponho bem. Esta parte deixa-me sempre nervosa, o facto de termos mamas.

— E se experimentássemos frases-chave alternativas? — sugere Holly.

— As tuas botas não são da Twisted Pine? — pergunta Katie.
— Talvez eu possa chamar a atenção para isso.

Olho para as minhas botas com sola de borracha e debruadas com pelo.

— Estas são da Nordstrom Rack. São falsas — digo.

— Vamos só mencionar alguns dos produtos deles — diz Holly.
Olha para mim apavorada.

— Estamos a filmar — anuncia Mike.

Katie começa com:

— No programa de hoje vamos até à Twisted Pine, a nossa loja de peles de primeira qualidade. Uma loja de peles amiga dos animais, devo acrescentar, onde poderão encontrar todas as peles de que precisam a preços muito razoáveis.

Nunca tinham pensado no facto de as pessoas poderem precisar de peles.

— Têm peles de marta, zibelina, raposa...

— Lince, castor* — digo, e depois dou uma pequena gargalhada e, a seguir, uma maior.

— Pois, pois — continua Katie. — E marta. — Ri-se também, mas depois desata a rir, com aquele riso franco e bom; rimo-nos ambas, e por um momento sinto que posso dar alguma verdade a isto tudo, que posso intervir de alguma forma. Estamos as duas a chorar de tanto rir.

— Acho que vamos ter de repetir? — digo, ainda a rir.

Ela não consegue responder, porque continua a rir.

— Está bem — diz Katie e dá um suspiro. — Mas não digas castor. — Acalmamo-nos, enquanto Mike continua à espera. Pela cara dele, está com vontade de dar um tiro a cada uma ou de algo ainda pior, de nos matar com as suas próprias mãos.

Eu e Katie entreolhamo-nos, decidindo qualquer coisa. Ela respira fundo e repete as suas falas. Desta vez, não acrescento nada, tal como combinámos em silêncio. A verdade é que não é preciso eu estar ali. Devia andar nas pastagens com o meu pai. Podia caminhar com as minhas botas falsas, comer comida de plástico e fazer

* *Beaver*, em inglês; usado como calão, designa o órgão sexual feminino. (NT)

inimigos. De certeza. Meu Deus, o que é que está a acontecer-me? Eu sei o que está a acontecer comigo, mas porque não hei de poder expressar isso de uma outra forma, mais bonita?

— ... e depois de termos ido às compras — continua Katie, mas a sua voz abranda, ganha profundidade, e muda para um tom de preocupação —, Justin Calhoun e Liza Norfleet vão juntar-se a nós para conversarmos sobre a Loud Deaf World e o seu trabalho com as comunidades internacionais de surdos. Vamos mostrar um excerto do documentário que eles fizeram, uma história inspiradora de uma pobre rapariga morta, quer dizer, surda, da Guatemala. Vou repetir esta última parte.

— Bate palmas — diz Mike. Katie bate palmas.

— Uma pobre rapariga surda da Guatemala — repito.

— Perfeito. — Holly sussurra qualquer coisa a Mike e depois olha para Katie. — Acho que já temos o suficiente, se quiserem parar por aqui.

Katie fecha o programa. Força, Katie. Eu desligo-me por algum tempo. Mas acabo por voltar, a tempo de ouvir a pergunta que ela me faz há anos à frente das câmaras.

— Qual é a terceira atividade mais popular aqui em Breckenridge?

Quando andava na Universidade de Denver, decidi que queria ser jornalista. Apanhei o gosto no clube de rádio da universidade e gostava de dar notícias de última hora. Apreciava sobretudo as más notícias — criavam uma certa emoção, uma emoção ainda maior por ser eu a dá-las. Tinha o poder da informação e o poder de confiarem em mim. Gostava de ver e ouvir correspondentes no estrangeiro, e o seu sotaque tornava-os ainda mais deslumbrantes para mim, porque era exatamente aquilo que eu queria; de certeza absoluta: um estilo e uma voz. *Neige Lampur para todo o mundo*. Queria, um dia, acabar uma reportagem assim: «Sarah St. John para todo o mundo.»

Mas isso foi há muito tempo. Agora tenho quarenta e três anos, e o meu filho morreu. Não tenho o menor desejo ou capacidade de me dirigir ao mundo, mas sei qual é a terceira atividade mais popular da nossa estância. Despeço-me, dizendo:

— Fazer *tubing* na neve.